

FESTIVAL DE BRASÍLIA

A 34ª edição do evento cinematográfico mais tradicional do país começa terça-feira. Mostra competitiva será dominada por adaptações literárias, vertente que divide opiniões entre os diretores. Para alguns, roteiro inspirado em livros é falta de criatividade

Gustavo Galvão
Da equipe do Correio

Sobre a mesa do café da manhã estão o bule, a manteigüeira e o pedaço de pão. O espectador sabe, as imagens mostram que o bule, a manteigüeira e o pedaço de pão realmente estão ali. Como se não bastasse, no entanto, o narrador da história enumera os objetos à mesa: "O bule, a manteigüeira e o pedaço de pão." Parece inacreditável, mas é o que se passa em cena de *Lavoura Arcaica*.

O longa-metragem de Luiz Fernando Carvalho é favorito ao Candango de melhor filme do 34º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que movimenta a cidade a partir de terça-feira. Carvalho buscou inspiração no livro de Raduan Nassar, considerado um romance de difícil adaptação para a telona. O risco de se mostrar redundante faz parte do casamento entre elementos cinematográficos e literários.

Encantado com a profundidade do texto, sobre família de imigrantes libaneses no interior do Brasil, o diretor encarou *Lavoura Arcaica*. Não teve medo da opulência da escrita de Nassar. O resultado agradou o público carioca e paulista, além da crítica. É o caso mais bem-sucedido da leva de adaptações que impregnou a produção cinematográfica brasileira.

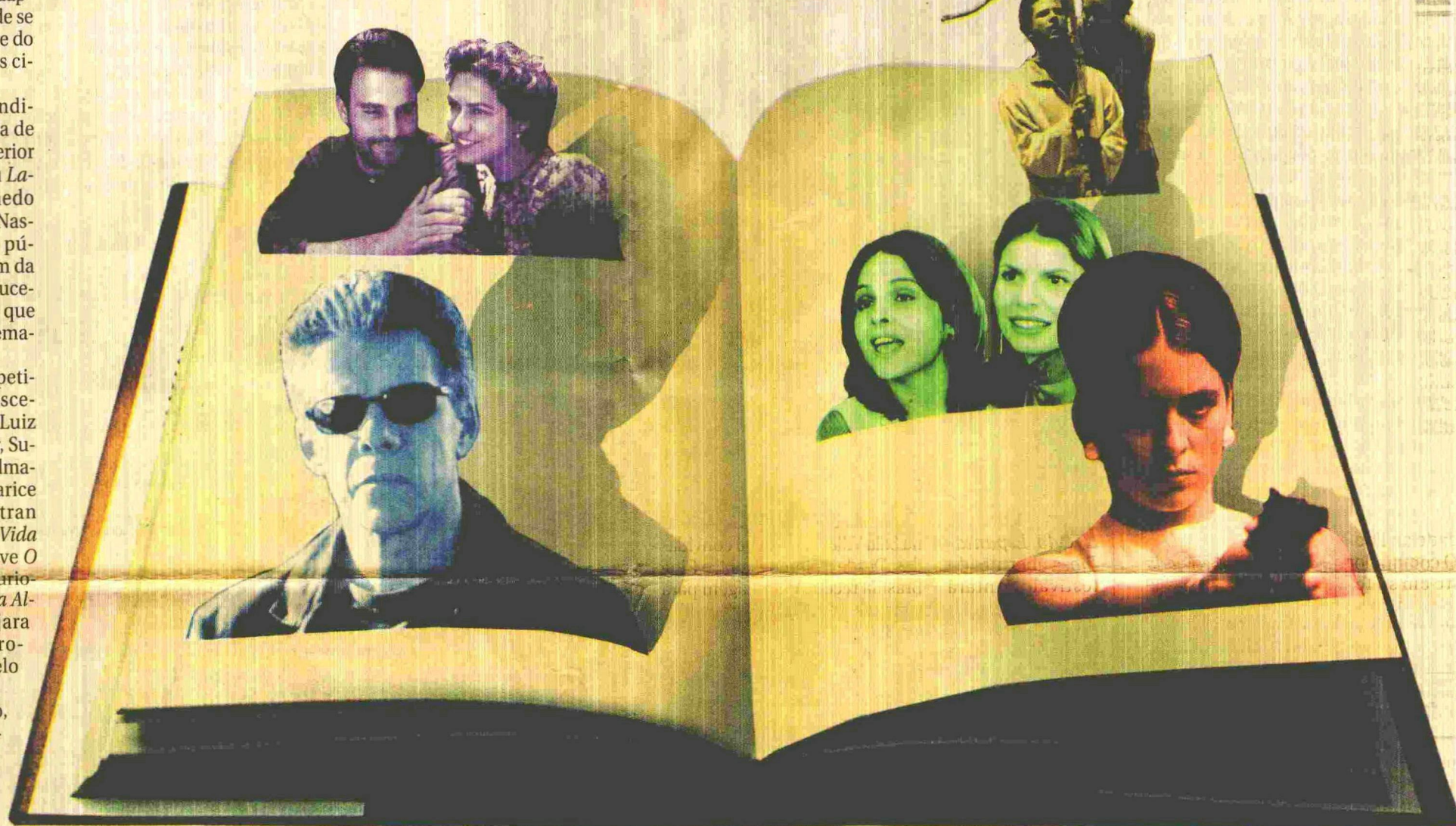
Dos seis longas em competição em Brasília, quatro nasceram de livro ou novela. Se Luiz Fernando optou por Nassar, Suzana Amaral (que já havia filmado *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector) buscou em Autran Dourado a origem de *Uma Vida em Segredo*. Beto Brant deve *O Invasor* a Marçal Aquino. Curioso mesmo é *Netto Perde sua Alma*, de Beto Souza e Tabajara Ruas. O filme nasceu do romance histórico escrito pelo próprio Tabajara.

No Festival de Gramado, em agosto, havia só um roteiro original entre cinco concorrentes: *Urbania*. "Estou de saco cheio de adaptações", desabafa o diretor Flávio Frederico, decepcionado com os rivais em Gramado. Em especial com o vencedor *Memórias Póstumas*, que André Klotzel puxou de Machado de Assis.

Cineastas e escritores concordam: a incidência de adaptações se deve ao modelo atual de produção, que deixa o papel de mecenas para os gerentes de *marketing* das empresas. Os investidores se sentem mais seguros com romances consagrados. Foi o caso de Klotzel. Cansado de recusas, ele abdicou de projeto sobre mulheres de subúrbio para atualizar *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

"O cinema nacional está reco-

Nem tudo é imagem



Arte: Ricardo Cunha Lima

meçando, sempre está. Como se trata de um empreendimento de alto risco, o nome de um escritor por trás ajuda", confirma Moacyr Scliar, que teve adaptado os romances *Sonhos Tropicais* e *Caminho dos Sonhos*, entre outras obras. "A literatura brasileira é feita por bons contadores de história."

ORIGINALIDADE E CONTEÚDO

Flávio Frederico não rejeita a tradição literária, e sim a falta de originalidade. Ele gostou de *Lavoura Arcaica*, embora faça ressalvas. "As imagens do filme

têm força, mas acho que ele ficaria ainda melhor sem a narração, que é uma herança do livro. Ao adaptar livro ou conto, você fica preso à estrutura. Você poda a criatividade."

O coro é reforçado por Domingos Oliveira, do clássico *Todas as Mulheres do Mundo* (1966). "Adaptar livros é seguro, mas negativo. Isso acontece porque as pessoas não têm o que dizer. Esse é o problema no Brasil", critica o diretor e dramaturgo, que só acredita em obras de autoria própria. Para ele, insistir em adaptações acentua a falta de tradição dramática no Brasil.

Antes que seja levantada a hipótese de crise criativa ou escassez de roteiristas, Domingos adianta: "Arte se resolve com política cultural e a política aqui está errada. Busca o cinema como indústria. Mentira, cinema é arte. Culpa do Ministério da Cultura, que deveria patrocinar concursos muito bem pagos, promover cursos e estimular os verdadeiros artistas. Adaptação não funciona. Os raros filmes brasileiros que deram certo recentemente são originais: *Central do Brasil*, *Eu Tu Eles...*"

O estudioso Ismail Xavier não se preocupa com a situa-

ção. "As obras literárias sempre atraíram os cineastas. No Cinema Novo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Jorge Amado eram sempre lembrados. E isso não acontece só no Brasil. O cinema norte-americano tem mais adaptações do que imaginamos", lembra. Para ele, nada mais banal.

Idéia compartilhada pelo diretor Carlos Reichenbach, membro do júri da mostra 35mm do Festival de Brasília. O curioso é que ele se orgulha de nunca ter feito adaptações. "Sempre escrevi as minhas coisas, não consigo trabalhar as idéias dos outros.

Mas nada impede que outras pessoas façam. Acho que Klotzel fez muito bem com *Memórias Póstumas*. O filme me mostrou um Machado mais atraente do que esperava."

"O importante é que você não seja subserviente ao livro, basta ser fiel à essência." Reichenbach repete as palavras do francês Jean-Marie Straub. Para os descrentes, ele recomenda *Memórias do Cárcere* (versão de Nelson Pereira dos Santos para Graciliano Ramos) e *O Processo* (releitura de Franz Kafka por Orson Welles). "São recriações, até melhores que o original."